

ÁLVARO CARDOSO GOMES

A CIDADE

Uma cidade pode ser
apenas um rio, uma torre, uma rua
com varandas de sal e gerânios
de espuma.

“Uma Cidade”, Albano Martins.

Chegou da terra calcinada, crestado de sol, a carne ferida dos hábeis venenos de víboras e lacraus. Diante dos olhos, a cidade – o rio, a torre, a rua, as casas. Os passos trôpegos, evitou a vertigem da torre: ainda não tinha por que enfrentar a face de um deus velado. Ouviu o correr de um rio, mas o rumor das pedras bolinadas fê-lo sonhar, desperto, com ávidas ampulhetas. Entrou na rua de casas com varandas de sal. O olor salobro do branco provocou-lhe uma vertigem.

Mesmo assim, prosseguiu, mas, súbito, uma pétala de gerânio tombou-lhe sobre a frente. Como um estigma, a rubra gota indelével. Esmagado sob o peso da culpa, retrocedeu até a torre. Galgou os solícitos degraus, adentrando o silêncio do átrio. Ao longe, em meio à névoa dos traiçoeiros incensos, vislumbrou os ouros de um ídolo, que uma cruel divindade obrigara o pavor dos homens erigir. Quis fugir – ousaria mesmo subir as escadas que levavam ao topo, não temesse perder-se no labirinto das estrelas.

Não soube se fora o vento hirto, mas uma voz sussurrou-lhe uma inconcebível palavra. Resignado, deixou a torre. E, voltando as costas à cidade, buscou o conforto da terra calcinada. O horizonte era negro, mas sabia que ainda o aguardavam a solicitude do fogo e a tenacidade das víboras e lacraus.

O APELO

Hesitou antes de tocar a fímbria das águas. Como o horizonte era apenas uma delgada linha azul, ousou romper a seda flácida de espuma. Mas o forte cheiro a salsugem, a maresia, nauseou-o e, quando lhe pareceu ouvir uma voz canora, temeu embriagar-se.

A prudência, então, fê-lo recuar, e ele encontrou conforto na lúcida claridade da areia. Assentou-se numa duna, fechou os olhos. E sonhou com ela que, um dia, acometida pela loucura, arrostara a espuma, os cabelos esparzidos a mimar o bailado das algas. Até que a malha de prata lhe viera a cobrir os flancos. E quando ela se pusera a cantar a canção do enleio, tapara os ouvidos a seus apelos. Dando um sorriso de desprezo, a ele, que recusara o abismo, mergulhara, a cauda agitando-se em espuma e névoa. Ao longe, acenava-lhe a cópia de criaturas, dos peixes, imitando os coleios abissais.

Intimado pela dor da ausência, deixou o abrigo da areia e voltou a desafiar o bafo da espuma, o rumor placentário das águas. E, deliciado, sentiu contra o corpo nu o apelo do mundo sem mácula. Sorriu e viu-se como um outro, disputado pelas teias de encantos.

Mas a onda, de súbito, batendo, como sobre o oco de um búzio, trouxe-o de novo à voraz nitidez do sol. E, lúcido e são, deu-se também monótono e triste. E, a cabeça lavada pela voragem do nulo, pôs-se a roçar os pés na irmandade das pedras desgastadas.

A MELODIA DAS VOGAIS

Venho com a noite, disse ele, mal ousou romper a soleira de minha porta. Hirsuto como qualquer daqueles animais ferazes, trazia consigo a bulha da noite. Deixei-o entrar, ofereci-lhe o fogo, o pão, a taça de um rútilo vinho, que ele desprezou, dizendo: vivo das ervas, das sementes e aqueço-me, não do sol, que a esse desprezo, mas da fria luz das estrelas.

Ousei pensar em lhe perguntar a que vinha, e ele, adiantando-se à minha palavra, disse: sou um bebedor de almas e escolhi-te porque tens a alma translúcida e pura de um elfo. Sorri de mim para comigo: certamente, errara ele de porta ou, quiçá, de caminhos. Bebe-me a alma, pois não, disse-lhe, entre solícito e irônico, tu te embriagarás de surdas sílabas, de vogais alucinadas, quentes como os girassóis e geladas como os incensos da magia.

Ele fitou-me, surpreso, e, rugindo, fugiu pela noite abismada. Sentei-me ao fogo, bebi meu vinho, comi meu pão. Quiseram, então, meus ouvidos, entre os ruídos da noite bárbara, ouvir novamente a insone e colorida melodia das vogais.

ABISMO

Era-lhe o corpo uma salva de frutas aberta aos apetites da noite. Dos melões das nádegas, dos limões dos seios, da polpa do figo semi-aberto da vulva, evolava-se um perfume açucarado e táctil.

Mal a branca flor da melancolia despontou de entre as nuvens, ela deitou-se de costas sobre a relva. O frio lunar banhou-a: gotas de leite pingaram-lhe sobre a epiderme, e a espuma de prata lentamente lhe penetrou a cova em meio à coma. O sangue, em nervuras de gelos, ganhava a tonalidade da linfa. Ela suspirou, e seus lábios murmuraram: sou a última vestal abençoada pela Mãe.

Ouviu, então, um ronco estertorado. No meio das moitas, espreitavam-na os olhos roídos pelo furor de cabuxões. Outro ronco soou, e pés e mãos selvagens arrebutaram ramos e galhos na espessura. Acariciada pelo medo, ela fechou os olhos e ficou-se, hirta, lassa. O hálito quente, cheio de humores sombrios, bafejou-lhe a face. Ela estremeceu e sentiu, contra sua frigidez sedosa e alcalina, a aspereza e o calor da pele hirsuta.

Foi quando, nele, dois cornos despontaram na testa, cascos rombudos endureceram-lhe os pés, e a cauda, qual um arbusto, coroou-lhe o cóxis. O nervo viril pulsando, cavalgou-a. Sou a última..., começou ela a murmurar, como que protestando. Mas a besta selou-lhe a boca com a chama de um beijo e, dando um berro caprino, devorou-lhe o carnudo fruto.

Os olhos cerrados, ela gemeu, mal a semente lhe foi implantada no ventre. Então, seu corpo começou a arredondar-se, as formas entranhando-se todas na esfera. A epiderme se lhe cobriu de rugosidades: vales, mares, rios, vertiginosos animais em disputas e a louca coma das árvores. Eu sou a Mãe-hetaira, a Mãe-vulgívaga, gemeu, enquanto rolava, perdida, pelo negro abismo. Do mirante das nuvens, a flor caolha espreitava, irônica, do seu único, desnudo olho.

ESPELHO

A mulher desata o cabelo diante de mim. Generosa é a imagem que lhe devolvo, apossando-me de sua alma para sempre.

AMANTES

Um beijo de seda, e eu conheceria a espuma, ele disse, um beijo de chama, e eu conheceria a lâmina, ela disse.

CIÚMES

De punhal em punho, picado pela tarântula do ciúme, ele disse, apunhalando-a: visceral, o teu rubro perfume de papoilas – vítreo sangue coagulado nesta chama.

DESTINO

A rósea esponja da carne protegida pela frágil porcelana, imersos neste verde limbo, quedos e mudos, passamos a existência a ouvir, em marulhos, o monótono canto imemorial e, se não nos for avara a sorte, poupando-nos da atrocidade de um furor piscinino, por força do desígnio e da bondade de um deus ignoto, que nos ferirá com sua férrea físga, cumpriremos então nosso destino maior de crustáceos e moluscos.

MELODIA

Insone e aterrado pelo furor da noite branca, ele se dobrou ao vezo de uma voz que lhe sussurrou, sibilina: se ousares lutar contra a tirania das palavras sedentárias, então poderás adentrar a verde e fresca espessura, onde o ácido e cintilante perfume das laranjas te perfumará o hálito, onde te irmanarás aos irmãos hirsutos e plumados e onde serás inebriado pelo débil e laborioso canto das abelhas, que te adoçará o sangue e embriagará de melodias o oco do teu coração vazio.

RELENDO SEFÉRIS

Atendendo, preste, ao chamado dos que iam resgatar a bela Helena, a bordo da negra nau, ganhei o lustroso espelho, matizado tal a cauda de um pavão soberbo. Mesmo assim, não mereci um olhar sequer do membrudo Agamêmnon e muito menos de seu irmão, o de melenas loiras, como Febo, Menelau. Ignorado fui pelo valoroso Aquiles, que só olhos tinha para a filha de Creonte e também pelo arguto Odisseus, a cabeça a tramar argúcias.

Em terras de Ilion, arrotei, ao lado de outros de mais nobre linhagem, a morte. O corpo nu, lutei, protegido apenas pela força do meu bronze, pois os deuses, de que não me esquecera, ofertando-lhes o negro sangue dos bois de dourados cornos, mostraram-se avaros comigo. Apesar disso, fui o primeiro a sair do ventre da besta embusteira e a acometer os troianos.

Ílion violada, voltando para Asine, a bordo da negra nau, provida de um magro butim, vim a perceber que a única coisa que havia me valido, em todo o meu périplo, fora, um dia, ter sonhado com um cego aedo, cantando a saga dos da Hélade e incluindo meu nome, entre tantos nomes ilustres, numa lista de reis menores. Soube, então, que poderia morrer feliz, porque, graças a sua lira, minha vida obscura não se reduziria apenas a um mero guincho de morcego.

O EXILADO DAS ESTRELAS

Cálidas, tais quais vermelhas rosas, as horas caíam despetaladas na ampulheta. Até que o bafo de uma sombra toldou a pele de seda das cortinas. Ela despertou de súbito e, aterrada, ouviu, em meio ao veludo da penumbra, uma voz que lhe sussurrava: meu amor, voltei como pediste, depois que a noite me veio e envolveu-me em seu frio sudário de estrelas. O que queres de mim? Alucinada pela ausência, ela gemeu: queria que, por um instante, guerreiro sombrio, pousasses, como outrora, a tua coma desgrenhada em meu colo de leite e guardasses teu gládio de fogo na úmida baina.

Audível ainda, posto que só um murmúrio ribeirinho, a voz dele retorquiu: repouso? Pode repousar quem se obrigou a buscar a alma do outro lado do espelho? O cristal das lágrimas salgando-lhe a boca, ela rogou, ajoelhando-se no leito vasto e vazio como seu coração: um só beijo, mesmo que um beijo de espuma, e eu não mais seria um rumor de febre.

Então, uns lábios frios se colaram aos seus, e a gelidez de um sutil perfume a penetrou, do mesmo modo que as agulhas de prata que lhe trespassaram o peito. As pétalas de sangue desabrocharam-lhe da epiderme, e ela tombou inerte, a branca flor exalando-se do seu hálito. Cheio de mágoa, o guerreiro sombrio disse: eu sou a aurora de sangue, eu sou a mácula, a flor do pecado, o exilado das estrelas. E batendo as asas, saiu voando ao encontro da noite.